

Seplan libera 30 milhões

Obras vão começar logo e na próxima semana

DF - Hospital

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quarta-feira, 10 de setembro de 1986 19

para reforma do HBB

os pacientes do 3º andar serão transferidos

A reforma do HBB vai começar mesmo: a Seplan garantiu à Secretaria de Saúde a alocação de Cz\$ 30 milhões para o início das obras este ano. O restante dos recursos — Cz\$ 60 milhões — só deve ser liberado no ano que vem. Para o secretário de Saúde, Laércio Valença, a quantia liberada vai garantir plenamente as obras iniciais no hospital, que devem começar logo.

Já na próxima semana os pacientes vão começar a ser retirados do 3º andar do prédio, a neurocirurgia, onde atualmente encontram-se 95 pessoas internadas. Isto porque, de acordo com o Departamento de Engenharia, responsável pelo projeto final de reforma, as obras devem começar de cima para baixo.

O que ainda não está definido é o local para onde os pacientes

serão removidos. Mas isto, porém, garante Laércio Valença, não é problema, "porque existem várias alternativas. Mas a decisão final será minha mesmo", disse. Segundo o secretário, o Serviço de Atendimento a Politraumatizados, um dos setores mais complexos do HBB, pode vir a ficar no próprio hospital de Base.

De qualquer forma, o que era a idéia original quando se cogitou a reforma do HBB — transferir os pacientes para outros centros da Fundação Hospitalar ou do Inamps — passou agora a ter um caráter oficial com a assinatura do convênio entre a Secretaria de Saúde, os ministérios da Previdência e Assistência Social, da Educação e da Saúde, garantindo a unificação do atendimento.

Unificação amplia rede

O sistema de atendimento unificado da rede hospitalar oficial, criado segunda-feira com a assinatura de um convênio entre a Secretaria de Saúde e os ministérios da Previdência e Assistência Social, Saúde e Educação, deverá equacionar, na primeira fase, os problemas da estrutura física da rede — através de reformas — e de deficiência de equipamentos. Em seguida, garante o secretário Laércio Valença, já no próximo ano serão abordados o aumento do quadro de pessoal e a questão salarial.

Para o secretário, a adoção do novo sistema, no qual Brasília é pioneira, já está fazendo benefícios ao setor saúde. A Previdência Social aumentou em Cz\$ 20 milhões o repasse mensal de recursos para a rede oficial, que assim passou a receber Cz\$ 50 milhões. Além disso, lembra Valença, o GDF, através do projeto de cooperação Brasil-França, conseguiu um empréstimo de Cz\$ 79 milhões para compras de equipamentos hospitalares no mercado nacional.

Pelo mesmo projeto, já estão chegando a Brasília equipamentos franceses no mesmo valor do empréstimo. São máquinas sofisticadas, de tomografia computadorizada, angiografia de subtração digital para exames vasculares e uma Gama Câmera, para exames de medicina nuclear. Esses equipamentos devem ser instalados em breve, juntamente com os de origem nacional, que vão ser adquiridos de acordo com os levantamentos sobre deficiência de material elaborados por grupos de trabalhos e comissões paritárias da Secretaria e do Sindicato dos Médicos.

Em princípio vão participar do sistema apenas os hospitais da Fundação Hospitalar e do Inamps, pois o Ministério da Saúde não tem nenhuma unidade hospitalar aqui. O Hospital Sarah Kubitschek não vai se integrar no primeiro momento, mas deverá, no futuro, assumir todo o tratamento dos lesados medulares e de ortopedia infantil, para o que tem equipamentos moderníssimos. A coordenação do sistema ficará a cargo da Comissão Interinstitucional de Saúde, composta por representantes da Secretaria de Saúde (o próprio secretário), dos ministérios da Educação (o diretor da Faculdade de Ciências), da Saúde (o delegado federal de Saúde) e do Sindicato dos Médicos (o presidente da entidade). As reuniões da comissão passarão a ser semanais.

Como a gerência do sistema que deverá começar a funcionar efetivamente em 60 dias, fica a cargo exclusivamente do secretário de Saúde, Laércio Valença que defende a ampliação da informatização da rede. Segundo ele, para se conseguir integrar em primeiro lugar os recursos humanos e depois os financeiros, como é o planejado, a informatização é fundamental, "pois vai manter um controle inclusive nos gastos". Pa-

ra isso a Secretaria de Saúde já está ampliando o seu Centro de Processamento de Dados.

CENTRALIZAÇÃO

Laércio Valença não acredita que o novo sistema vá promover maior centralização nas decisões, o que prejudicaria a agilidade. Segundo ele, a intenção é exatamente fortalecer as coordenadorias regionais, dando-lhes maior autonomia financeira e de pessoal. "Se nós planejamos centralmente mas deixamos a execução de ser feita de forma autônoma, a agilidade aumenta. Os diretores vão ter agora uma autonomia que não têm ainda, inclusive, financeiramente". O secretário comparou a rede oficial — que conta com 17 mil funcionários, 10 hospitais, 42 centros de saúde e 15 centros rurais — a uma grande empresa, "que precisa ser bem administrada, cujo produto final é a atenção médica".

Essa atenção médica, que atualmente não tem sido das melhores nos hospitais da rede oficial, também pode vir a ser alterada com o novo sistema, acredita o secretário. Segundo ele, como o modelo é mais flexível pode haver uma perspectiva de melhor remuneração e outros benefícios aos profissionais, como melhores condições de trabalho. No entanto, ressalva o secretário, o investimento em pessoal só deve acontecer mesmo em 1987, "porque o momento atual não permite certas mudanças". A única alteração em termos de salários para os funcionários da FHDF por enquanto é o Plano de Cargos e Salários que está sendo elaborado e deve ficar pronto em seis meses.

CALCANHAR

O presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva, considera o novo sistema correto "do ponto de vista teórico. Mas nada se se integra se não houver investimentos em recursos humanos. A classe está precisando de incentivos, de melhoria das condições de trabalho e melhorias salariais".

Saraiva lembra que o salário inicial de um profissional de nível superior da Fundação é de Cz\$ 4 mil 800, e que os de nível médio ganham muito pouco. "Isso pode ser o calcanhar-de-Aquiles do sistema. Nas satélites, por exemplo, onde o profissional é mais sacrificado, o índice de demissão está sendo de cerca de 10 médicos por mês e 20 profissionais de nível médio". Já a municipalização, a participação da comunidade e outros aspectos apresentados pelo plano, Saraiva considera corretos.

O ex-secretário de Saúde dos governos Ornellas e Lamaison, Jofran Frejat, também considera o sistema "excelente". Ele lembra que começou a implantar um semelhante em sua gestão à frente da Secretaria. Frejat conta que no início houve uma certa resistência por parte do pessoal, mas isso, em sua opinião, "é administrável, acomodável. A motivação é gradual".